

**As cores**  
que vêm  
da sua

P



**As cores  
que vêm  
da sua**

P

P

As cores  
que vêm  
da sua



Fotos: Neido Cantani

LUIZ SUGIMOTO

sugimoto@reitoria.unicamp.br

Para sua dissertação de mestrado pela PUC de Campinas, a psicóloga Viviane Melo de Mendonça Magro foi conversar com grupinhos de estudantes das classes média e média baixa nas calçadas de uma escola pública da cidade. Encontrou adolescentes cooptados pelo consumo, acomodados, sem projetos claros de vida, ansiosos por festas, desesperançados frente às condições do país e distantes de um engajamento social e político. “O conceito de adolescência que temos hoje foi construído com base nas aspirações da classe média, é aquele que a mídia passa”, afirma.

Mas há adolescentes que fogem deste padrão. Para sua tese de doutorado, na Faculdade de Educação (FE) da Unicamp, Viviane Magro foi até a periferia atrás de jovens engajados em projetos sociais, encontrando parte deles no *hip hop*, um movimento juvenil de periferia que apresenta três expressões principais: do *rap*, música falada e de batidas fortes; do *break*, dança ao som do *rap* (embora não necessariamente) e de gestos e passos um tanto quanto robóticos; e do *grafitti*, que procura expressar a realidade de vida e anseios pessoais em muros, através de desenhos que ousam nas cores.

Mesmo tendo coletado muitas informações sobre o *hip hop*, a psicóloga decidiu promover um recorte no objeto original de pesquisa, após discussões com a professora Isaura Rocha Figueiredo Guimarães, sua orientadora e estudiosa de gênero e sexualidade. Viviane ateve-se ao *grafitti* e, dentro dele, à questão das meninas que procuram marcar presença num espaço genuinamente masculino. *Meninas do Graffiti: Adolescência, Identidade e Gênero nas Culturas Juvenis Contemporâneas* é o título provisório da tese de doutorado viabilizada graças à bolsa da Fapesp.

# As cores

Meninas do grafitti são personagens centrais em tese de doutorado sobre adolescentes engajados em projetos sociais

## Meninas do grafitti são personagens centrais em tese de doutorado sobre adolescentes engajados em projetos sociais

“Pode parecer baderna, mas um olhar diferenciado nos mostra o que há por trás da atitude de uma menina que, na manhã de domingo, sai por aí pintando muros”, recomenda Isaura Guimarães. Viviane Magro recorreu a este olhar e viu, dentro do *hip hop*, adolescentes que procuram seu espaço enquanto agentes sociais, que lêem e pensam sobre o país e o mundo, e por isso capazes de formular questões significativas. “Eles vivem uma situação de opressão e exclusão, sentem de perto o problema da violência e do tráfico, vêem amigos e parentes sendo assassinados”, conta a psicóloga.

É uma realidade que motiva os jovens a tentar mudá-la. As meninas do *hip hop*, especificamente, reúnem crianças e adolescentes em oficinas e projetos para falar sobre drogas, gravidez precoce e outros assuntos que lhes dizem respeito. Buscam financiamentos na

prefeitura e negociam o apoio dos vereadores para estes programas. “Isso os diferencia dos adolescentes retratados pela mídia e por alguns estudos, onde nos jovens prevalece o desinteresse e a desesperança, a sensação de que ‘eu não posso fazer nada sozinho’”, observa Viviane. “Os adolescentes de classe média também estão agrupados, no shopping, mas não vemos neles esta preocupação de quebrar com o que não satisfaz e buscar a auto-afirmação”, acrescenta Isaura Guimarães.

**Contradições** – Embora o *hip hop* seja vértice do movimento negro, no *grafitti* prevalece a afinidade por classe social em detrimento da cor, notando-se o convívio livre de preconceitos entre negros, pardos e brancos. Mas trata-se igualmente de um espaço masculino, em que Viviane Magro aponta contradições. “Ansiosas por construir sua identidade de mulher, as meninas necessitam de liberdade de expressão e reivindicam maior participação e respeito dos meninos, mas ainda são minoria e ausentes em alguns eventos em ‘rolês’. Às vezes, elas próprias se excluem”, explica.

Afora controvérsias sobre a disposição das meninas em participar de “rolês” na madrugada, pular muros e correr de cachorros, o grande embate se dá em torno do estilo. As grafiteiras tentam fazer um desenho mais “louco”, agressivo, mas ainda recorrem à suavidade das nuvens e flores, traços que os meninos consideram ingênuos. Duelo de gênero à parte, os dois sexos se unem quando alguém confunde grafiteiro com pichador. “O pichador quer a transgressão, há uma competição entre eles para deixar sua marca em pontos altos dos prédios da cidade. O *grafitti* traz um lado artístico, quer mostrar uma idéia, é realmente uma forma de expressão”, comenta Viviane.



A professora Isaura Rocha Figueiredo Guimarães e a psicóloga Viviane Melo de Mendonça Magro, autora da tese: longe da visão estereotipada

## Falando a mesma língua

Paisagem de periferia. Naquela área ainda degradada do Centro, seguindo 400 metros de linhas de trens, chega-se ao conjunto de velhos galpões da Estação da Fepasa que virou Estação Cultura. O último galpão ganha realce por causa das paredes pintadas pelos grafiteiros da Casa do Hip Hop, mas o espaço não é reservado ao deleite. Ali, jovens voluntários se reúnem e discutem projetos para levar música, dança e mais cor à vida de crianças e adolescentes dos bairros pobres da cidade, por meio de um programa apoiado pela Prefeitura de Campinas que vem incluindo aulas de *rap*, *break*, *dj*, *percussão*, *capoeira*, *handebol*, *skate*.

“O projeto começou pequeno, com seis escolas municipais. Hoje a gente está com 20 e, ano que vem, vão ser 40. São duas aulas por semana em cada escola e a média é de 20 alunos por aula”, explica Cibele Cristiane Rodrigues, coordenadora das oficinas de *grafitti*. Os estudantes estão na faixa etária de 10 a 18 anos e, por isso, os temas extrapolam para gravidez precoce, DST, violência doméstica e outras questões de gênero.

“Na verdade, a gente tenta dar parâmetros para que a criança e o adolescente entendam o que acontece no bairro. Eles se acostumam a ver gente morrendo, sem questionar o porquê. Nosso papel é instigar. O *rap* trabalha com as palavras e movimentação do cérebro, o *break* com o condicionamento físico e o *grafitti* estimula as artes”, acrescenta Cibele.

Roberta dos Santos Nobre é MC (mestre de cerimônias no *rap*) e *bgirl* (garota que dança *break*), e também atua nas oficinas: “Canto desde pequena e me identifiquei com o *rap*, porque é uma forma de protesto e as letras falam do meu dia-a-dia. A dança também é um protesto. Os projetos ensinam a garotada a se valorizar e lutar por seus direitos”, afirma, ela que prefere ser chamada de Nicole, seu nome artístico.

Fabiana Patrícia Cândida, MC e integrante do grupo Cabelo Duro, milita no núcleo de mulheres do *hip hop*: “As culturas estão tão arraigadas que a pessoa nem percebe. A menina quer passar alisante, diz que seu cabelo é ruim. Para mim, o que existe é cabelo liso, crespo, cacheado, não existe cabelo ruim”, protesta.

Solicitada a opinar sobre os adolescentes de classe média, a resposta de Cibele Rodrigues é imediata: “Dou aulas na periferia e também sou da periferia. Os alunos se identificam comigo porque falo a mesma língua e até sirvo de espelho, porque eles querem chegar onde estou, querem dar aulas de *grafitti* e se tornar multiplicadores também. Para a classe média, posso até ensinar técnicas de desenho, mas não vou atingir esse pessoal da mesma forma”.

A grafiteira Sara Gabriele Esteves Costa, que anuncia novas iniciativas do grupo como a distribuição de alimentos e agasalhos, é mais radical: “Os boys têm clube poliesportivo, shopping, cinema, educação de qualidade, não precisam de nada disso. Mas o favelado, que quando muito tem uma praça de esporte e uma bola furada, precisa da dança, da música, da pintura, precisa dessa arte que vem das ruas”.



Grafiteiras na Estação Cultura, região central de Campinas: meninas de atitude